

Plástica para mudar cara da Ceilândia

Projeto de alunos de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília entusiasma os empresários da cidade

Fernanda Lambach
Da equipe do Correio

Se você pudesse interferir no plano arquitetônico e urbanístico da Ceilândia, o que construiria para deixá-la mais bonita e agradável e acabar com a imagem de que a cidade não tem identidade?

“Eu construiria o que está sendo esperado há mais de dez anos: um centro cultural”, sugere Ailton Velez, funcionário da Administração e morador da Ceilândia há 25 anos. Para ele, um centro cultural mudaria a cidade não apenas no aspecto físico, como também influiria na mudança de comportamento da população. “O centro cultural seria um monumento como o Teatro Nacional de Brasília e daria orgulho aos moradores da Ceilândia”, acredita Velez.

Já Cláudemídio Raulino, que mora na Ceilândia desde 1981 e, assim como Velez, se considera um ceilandense da gema, extremamente bairrista, prefere a ideia do erguimento de um shopping no centro da cidade. “Tendo um shopping aqui, as pessoas ficariam mais na cidade. Não precisariam sair para se divertir no Alameda Shopping, em Taguatinga, ou no ParkShopping do Plano Piloto”, argumenta.

Para ele, o shopping daria mais segurança para os moradores que gostam de fazer compras e não têm onde estacionar os carros. “Em um estacionamento coberto há menos chance de haver roubo”, avalia Raulino.

Patrícia Vieira, uma balconista loiríssima, que trabalha na L’Acqua di Fiori, em frente à feira permanente, diz que se pudesse mudar a cara da Ceilândia apostaria em um shopping e em um clube. “Hoje em dia não há nada para se fazer nessa cidade”, reclama.

UNIVERSIDADE
A população fala, fala, sonha, so-

nha e nem imagina que próximo dali, no Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, existem cabeças e mais cabeças pensando e criando projetos para melhorar o visual da Ceilândia.

A professora Tereza Carvalho, da pós-graduação, vem estudando a realidade da Ceilândia desde 1993. Ela estimula os alunos do mestrado a apontar caminhos que permitam o desenvolvimento da cidade de forma equilibrada — soluções nas quais a arquitetura e o urbanismo evoluam e sirvam para dar bem-estar à sociedade.

Segundo estudos feitos por alunos do mestrado, chegou a hora e a vez da Ceilândia. Eles acreditam que pequenos investidores, já sem espaço na vizinha, irão naturalmente se deslocar para a Ceilândia.

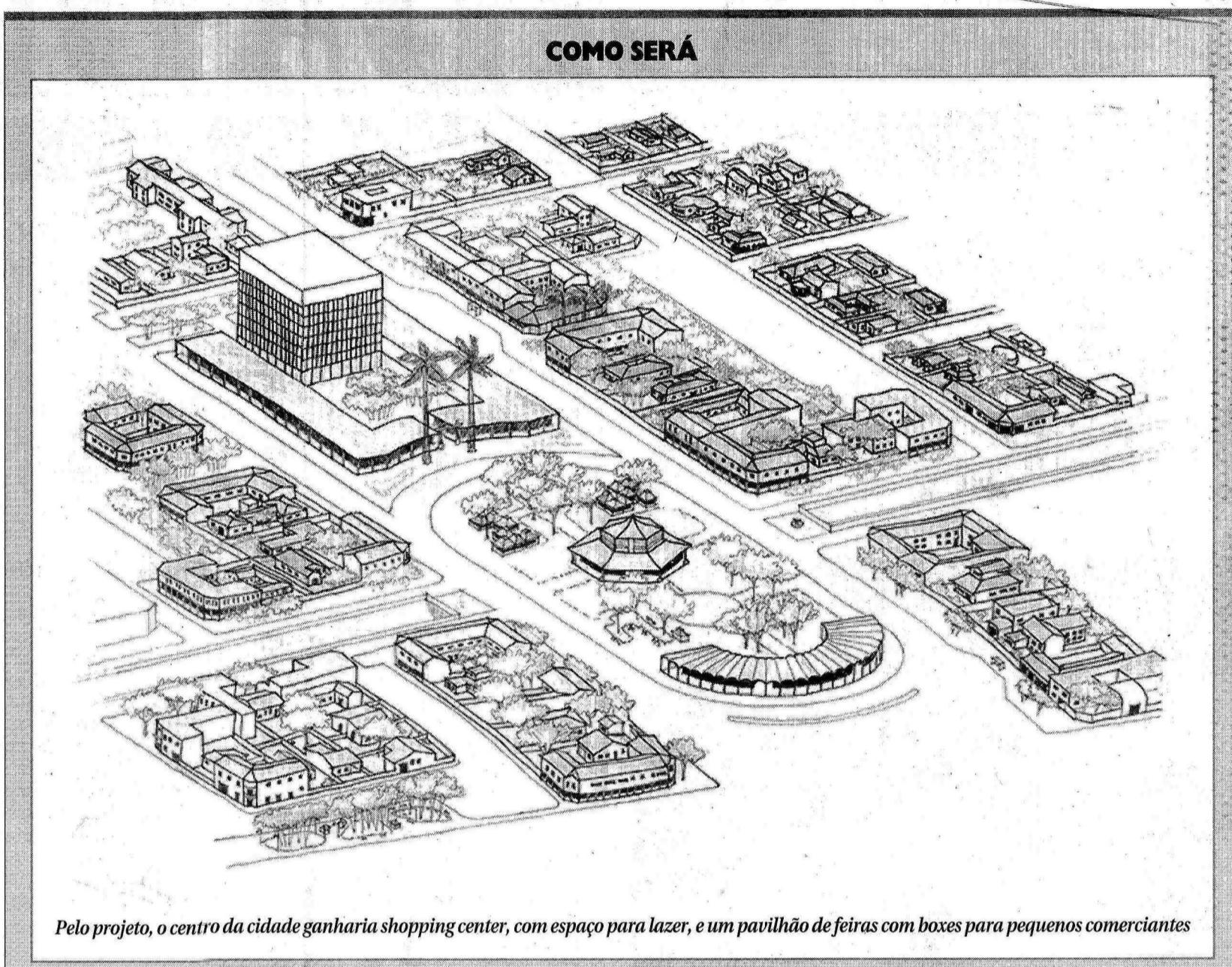
Tereza aplaude de pé, por exemplo, a força dos moradores de Taguatinga — criada para ser uma cidade dormitório. Hoje, geradora de renda, já não precisa nem vive em função do Plano Piloto. Segundo a professora, a Ceilândia caminha na mesma direção e hoje já tem vida própria.

“O projeto urbanístico do Plano Piloto é muito rígido, amarrado. Isso beneficiou Taguatinga, para onde se deslocaram empresários que se sentiram sem espaço em Brasília”, declara Tereza.

Ao contrário do Plano Piloto, em Taguatinga há indústrias, comércio em áreas residenciais, prédios onde há diversos tipos de lojas e escritórios e até mesmo residências aglomeradas.

BELEZA MARCANTE

Com 500 mil habitantes, a Ceilândia tem agora todas as chances para crescer e, segundo Tereza, de forma mais bem organizada do que Taguatinga — onde tudo teria ocorrido às pressas. “A Ceilândia tem tempo para se transformar em uma cidade de beleza marcante,



Pelo projeto, o centro da cidade ganharia shopping center, com espaço para lazer, e um pavilhão de feiras com boxes para pequenos comerciantes

onde os pedestres terão espaço para caminhar”, opina Tereza.

Ela mostra com orgulho uma intervenção ao longo da Hélio Prates, proposta pelas alunas do mestrado de 1993, Ana Cláudia Duarte Cardoso e Elizabeth Van Den Berg. Já naquele ano, as arquitetas puseram no papel o que a maioria da população até hoje viu apenas em sonho.

Ana Cláudia e Elizabeth sugeriram a construção de um shopping entre os atuais conjuntos arquitetônicos da cidade. Em torno do empreendimento existiria um passeio coberto para o lazer da popu-

lação e espaço para a criação de boxes onde pequenos comerciantes poderiam se instalar.

“O perigo dos shoppings é que geralmente engolem os pequenos comerciantes que estão à volta deles. Não é hora para esse tipo de elitização na Ceilândia”, comenta Tereza.

Em um terreno, próximo ao shopping, Elizabeth propõe a construção de um centro para feiras e outros eventos culturais. Ao lado do pavilhão para feiras, vários boxes no formato de meia-lua ficariam também à disposição de pequenos comerciantes. “Os boxes seriam para algo como uma feira

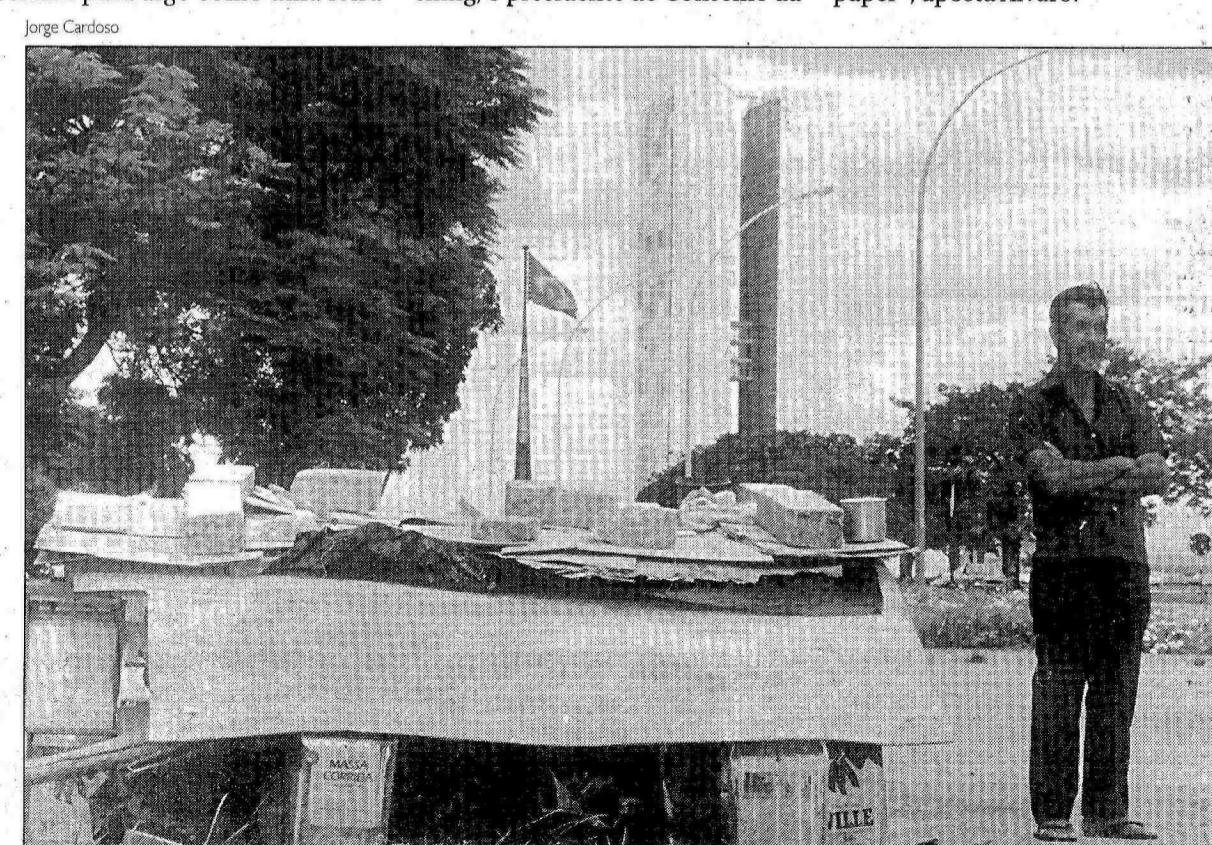
do Guará”, explica Tereza.

Ela tem todo o levantamento de custos feito pelas alunas de 1993 e está disposta a trabalhar em parceria com empresários e a administração da cidade. O administrador José Eudes, por exemplo, há meses sonha com um shopping no terreno vazio próximo à Administração. “Os donos da loja Tentação andaram me procurando. Estão empolgados com a idéia”, conta Eudes.

Na sexta-feira à tarde, antes de partir para a China, onde se reunirá com o prefeito da cidade de Xaoching, o presidente do Conselho da

Associação Comercial e Industrial da Ceilândia, Álvaro Pereira Iaccino, conheceu o projeto da professora Tereza Carvalho e se empolgou. “Vou mostrar as idéias dessa professora para o prefeito Hang Lee. Afinal, Xaoching é uma cidade muito parecida com a Ceilândia”, disse Álvaro.

Quando voltar, esta semana, ele pretende marcar uma reunião com Tereza e os empresários da cidade para levar a diante o sonho de revitalização da Ceilândia. “As idéias da professora é tudo o que precisamos e não podem ficar apenas no papel”, apostou Álvaro.



Luiz Lourival, 51 anos, vive ao lado de um carrinho de cachorro-quente: “Meu estudo clínico está em decadência”